

## Elementos para pensar o Twitter enquanto uma rede social digital

Gabriela da Silva Zago – UFRGS

gabrielaz@gmail.com

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

Já estava em tempo de aparecerem as primeiras publicações nacionais que tivessem como uma de suas preocupações o microblog Twitter. Uma dessas obras pioneiras é “Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter”, de autoria de Lucia Santaella e Renata Lemos, publicado em 2010 pela Paulus. Ainda que a preocupação central do livro não seja o Twitter – e sim a discussão mais ampla do papel das redes sociais digitais – há uma abordagem interessante da ferramenta, em especial com relação à sua capacidade de mobilização para a inteligência coletiva.

A obra está dividida em sete capítulos. Os primeiros quatro capítulos trazem uma abordagem mais geral sobre as redes sociais digitais, ao passo que os três capítulos seguintes se debruçam sobre aspectos relacionados ao Twitter. Já na introdução, as autoras advertem:

Este não é exclusivamente um livro sobre o Twitter. Não é prudente se debruçar monograficamente sobre um fenômeno quando ele ainda se encontra em estado de fervura. Para evitar a euforia, é necessário enxergar o fenômeno aquém e além de sua superfície borbulhante (p. 8)

O ímpeto da juventude e a curiosidade de Renata Lemos aliados às ponderações que o tempo e a experiência conferem à Lucia Santaella fazem da obra uma tentativa de lançar sobre o Twitter uma ótica ponderada: há entusiasmo, mas este é contido. Ainda que se afirme na obra que o Twitter provocaria uma ruptura em relação às práticas interacionais digitais anteriores, as autoras buscam articular a conceitos mais gerais da comunicação, bem como trazem uma breve reflexão empírica sobre o potencial da ferramenta para mobilização de uma inteligência coletiva.

O primeiro capítulo, *Redes e sistemas*, apresenta uma revisão geral dos conceitos de redes, compreendidas pelas autoras como sistemas complexos e dinâmicos. A teoria das redes é situada no contexto de agenciamentos e complexidade social, de Manuel DeLanda. Diante disso, as autoras afirmam que “nossa hipótese é que as SMSs são filhas do e-mail, assim como as pílulas de 140 caracteres do Twitter são filhas das SMSs, com a diferença de que agora essas pílulas adquiriram o caráter populacional dos agenciamentos, de que fala DeLanda” (p. 17). Elas reconhecem que “as mensagens do Twitter não apenas fazem uso das redes, mas criam redes e são também a própria rede” (p. 17). Elas destacam em especial dois parâmetros dos sistemas complexos: a auto-organização e a emergência. “A semelhança dessas propriedades com o comportamento das RSIs, especialmente com o Twitter, salta à vista, especialmente no modo como se acessa, na troca de ideias, sentimentos e informações, na formação de twibes e nichos, no desenvolvimento de estratégias, etc.” (p. 21). Há ainda uma breve discussão quanto ao conceito de inteligência coletiva e seus inúmeros sinônimos. As autoras manifestam uma preferência pelo termo ‘ecologia cognitiva’, “pois a palavra ‘inteligência’ está muito sobrecarregada culturalmente com o componente semântico de racionalidade, enquanto ‘ecologia cognitiva’ lembra a diversidade e a mistura entre razão, sentimento, desejo, vontade, afeto e o impulso para a participação, estar junto” (p. 25-26). Para as autoras, uma das razões para explicar o sucesso das redes sociais digitais como o Twitter “encontra-se na potência da era da mobilidade para a comunicação on-line, em tempo real, que acena com a promessa do perpétuo estar junto” (p. 26).

No segundo e terceiro capítulos, respectivamente *A teoria-ator-rede* e *Teoria-ator-rede, mídias e comunicação*, são traçadas, a partir principalmente da obra de Bruno Latour, considerações sobre a teoria ator-rede, ou TAR. Para essa teoria não só atores humanos interferem na rede – atores não humanos, como as condições sócio-técnicas de interação, também trazem modificações para a rede. A rede, assim, não pode ser vista como algo estático. Ela é híbrida e está em constante mutação.

O quarto capítulo, *A evolução das RSIs*, traça uma evolução das redes sociais digitais, a partir da passagem da interação monomodal à multimodal. As autoras apresentam as três fases da evolução das redes sociais a partir de Hornik (2005) – redes 1.0 (possibilitam coordenação em tempo real entre usuários, como ICQ ou MSN), redes 2.0 (voltadas para entretenimento, contatos profissionais, marketing social, como Orkut e MySpace) e redes 3.0 (caracterizadas pela presença de aplicativos e pela mobilidade, como Facebook e Twitter). Para as autoras,

É inegável que as RSIs 3.0 reconfiguram fundamentalmente a estrutura de interação das interfaces midiáticas, adaptando-se em função e a partir da mobilidade. O primeiro grande eixo de mudança das RSIs 3.0 é estrutural e está articulado ao redor da mobilidade, dos aplicativos e das novas formas de linguagem que emergem com o *microblogging*. O segundo grande eixo de mudança trazido pelas redes 3.0 incide em uma temporalidade bem distinta das redes 1.0 e mesmo das 2.0. (...) A evolução das redes 3.0 traz um desloca-

mento temporal radical em direção à experiência midiática de um presente contínuo: na era da mídia *always on* o passado importa pouco, o futuro chega rápido e o presente é onipresente (p. 61)

A partir do quinto capítulo a obra passa a ter foco no Twitter. As autoras descrevem o Twitter “como uma mídia social que, unindo a mobilidade do acesso à temporalidade *always on* das RSIs 3.0, possibilita o entrelaçamento de fluxos informacionais e o *design* colaborativo de ideias em tempo real, modificando e acelerando os processos globais da mente coletiva” (p. 66). Um foco especial é dado ao fato de que o Twitter possibilita, em um mesmo fluxo, múltiplos fluxos informacionais provenientes de diversos canais. Ao mesmo tempo em que os indivíduos podem receber informações de canais diversos (*inflow*), também é possível enviar atualizações para outros indivíduos que optam por assinar aquele canal (*outflow*). Assim, o *inflow* é determinado por nossas escolhas quanto a quem seguir: “Ao escolher quais *microblogs* iremos seguir, estamos escolhendo quais canais de informação iremos convidar para fazer parte de nosso fluxo de informações. Quando seguimos alguém no Twitter, estamos fazendo uma “assinatura” do seu canal de informações” (p. 73). Já o *outflow* “evidencia o caráter conversacional do ambiente midiático do Twitter” (p. 78). Novas atualizações se incorporam ao fluxo vivo de mensagens a todo momento.

Essas múltiplas possibilidades comunicacionais fazem com que o processo de criação de um *tweet* seja bastante parecido com o de *design*: “a criação de algo para determinado fim”. Nesse contexto, “O processo de criação, seleção e edição de idéias em tempo real que caracteriza a dinâmica dos fluxos de *outflow* no Twitter pode ser entendido como um processo de *design* de idéias” (p. 80-81). Esse *design* colaborativo de ideias levaria ao surgimento de uma inteligência coletiva “que se baseia não apenas no uso e acesso aberto ao conhecimento disponibilizado coletivamente, mas sim em esquemas conceituais que começam a ser acessíveis apenas ao visualizarmos o todo dessas microcolaborações” (p. 81)

Por conta das complexas relações entre *inflows* e *outflows* na ferramenta, as autoras sugerem que “Para saber lidar com a complexidade inerente às muitas camadas informacionais do Twitter, precisamos desenvolver certas habilidades cognitivas específicas. A principal delas é a capacidade de gerenciar nossa atenção” (p. 83). A complexidade nos fluxos de informação também traz implicações para a estrutura das redes que podem ser observadas no Twitter, em especial por conta do modo como são constituídos os laços sociais na ferramenta.

Assim, o sexto capítulo procura debruçar-se sobre os laços sociais no Twitter. Por conta de suas características e funcionalidades específicas, as autoras levantam a hipótese de que o Twitter poderia ser precursor de um modelo interativo inédito, provocando uma ruptura com antigos modelos de navegação do ciberespaço.

Especificamente com relação aos laços sociais, as autoras afirmam que “A grande maioria dos usuários apenas leva para o universo do ciberespaço redes de

vínculos sociais que já existem previamente à sua entrada nas mídias sociais: amigos, familiares, colegas de trabalho” (p. 91). O Twitter, porém, rompe essa configuração. Os grupos são heterogêneos. Além disso, as conexões não são necessariamente recíprocas (ou seja, pode-se seguir alguém sem ser seguido de volta), o que provoca padrões de conexão peculiares entre os interagentes. “Assim, seguir alguém é assinar o seu canal personalizado de distribuição de informações” (p. 92), o que torna o Twitter uma mídia social complexa.

Nessa plataforma ocorre uma ruptura com os padrões de interação social digital anteriores, inaugurando uma nova espécie de entrelaçamento informacional onde a continuidade do movimento dos fluxos, juntamente com as mídias móveis, perfaz uma nova experiência de temporalidade, o *always on*. Nesse movimento contínuo, os laços sociais são feitos e desfeitos constantemente e em tempo real (p. 93-94).

Por fim, o sétimo capítulo traz uma breve discussão empírica, buscando explorar uma faceta ainda inexplorada do Twitter: “sua potencialidade como nicho de debates globais abertos, em tempo real, no *design* colaborativo de produções intelectuais sobre tópicos de interesse mundial” (p. 104). Para tanto, as autoras procederam a um recorte da rede social do Twitter: “comunidades de usuários que estavam usando a plataforma para veicular, articular e debater temáticas de interesse planetário” (p. 104-105). Assim, a discussão é conduzida a partir de dados de uma observação do processo de evolução de um experimento de inteligência coletiva realizado no Twitter pelo usuário @umair, uma dinâmica por ele batizada de *gotd* – baseada na combinação de RTs<sup>1</sup>, hashtags<sup>2</sup> e busca por @usuário, através da qual o usuário, antes de finalizar seu próximo texto, envia um *tweet* a seus seguidores “fazendo uma chamada para ideias, sugestões e contribuições, ou lançando uma pergunta que deve ser respondida em poucas palavras” (p. 124)

Cada mensagem publicada na ferramenta, ou *tweet*, deve ter no máximo 140 caracteres. “Essa limitação fez com que surgisse um novo sistema de microssintaxe específico ao Twitter” (p. 111), que inclui recursos específicos como RTs, @replies e hashtags, e requer uma alfabetização própria.

A respeito dos fluxos do Twitter, as autoras irão dizer que “A interpenetração entre as três funcionalidades (RT, @usuário e #s) é inerente à arquitetura informacional do Twitter, e em muitos casos elas podem suceder simultaneamente (um RT em forma de resposta mencionando diversos @usuários e *hashtags*). Nesse caso, ocorre em um único *tweet* a penetração simultânea em múltiplos fluxos individuais e/ou coletivos em tempo real, caracterizando a interatividade pluridirecionada dessa micromídia móvel” (p. 109).

1 Um RT, ou retweet, é o termo utilizado para designar a reprodução de uma mensagem de um ator no Twitter.

2 Hashtags são etiquetas precedidas do sinal sustentado (*hash*, em inglês) que indicam o tópico que está sendo discutido em um determinado *tweet*.

A partir do caso analisado, as autoras irão sugerir a experimentação de *design* colaborativo de ideias em redes sociais móveis como um complexo objeto de estudo,

dentro do qual a inteligência coletiva é um misto de criatividade e comunicação humanas e adaptação, processamento e análise computacional simultâneos. Tudo isso vem confirmar de modo eloquente a relevância da TAR (teoria-ator-rede), especialmente, por seu caráter acentrado, como foi explicitado no capítulo 2, para a reflexão teórica e crítica e para a prática das RSIs, muito especialmente do Twitter. (p. 128-129)

O livro constitui um importante ferramental para estudiosos interessados em se aprofundar em questões relacionadas às redes sociais digitais e ao Twitter. Apesar de não apresentar respostas fechadas sobre o Twitter, as autoras trazem elementos essenciais para se pensar as redes hoje, inclusive apresentando indícios de que a ferramenta provocaria uma ruptura com relação às formas de interação anteriores, em especial por fomentar uma ecologia cognitiva a partir de seus múltiplos fluxos de comunicação. Embora falar em ruptura em um processo ainda em andamento possa ser exagerado, é inegável que a estrutura de redes sociais digitais como o Twitter provoca potencializações nos modos como nos relacionamos no ambiente online, na medida em que trazem novas possibilidades e novos recursos para a formação e a manutenção de laços sociais e o estabelecimento de trocas comunicativas.